



FRAGMENTOS IDENTITÁRIOS: A LITERATURA COMO NARRATIVA SENSÍVEL DO SUL PROFUNDO

Luis Fernando Beneduzi*

Alma Mater Studiorum Università di Bologna – UNIBO

luis.beneduzi@unibo.it

RESUMO: Os caminhos da História e da Literatura têm se entrecruzado através do tempo e – nos últimos anos – se observa o nascimento de estudos teórico-metodológicos que buscam analisar e discutir esse tipo de abordagem. Trabalha-se em um diálogo com a ampla produção de Sandra Pesavento sobre os encontros entre esses dois campos de conhecimento, tendo em vista sua valiosa colaboração para o avanço dessa discussão. Compreender – na esfera das sensibilidades – as dinâmicas de produção de identidades, em um contexto entendido como “sul profundo”, a partir da análise de uma obra literária **A casa das sete mulheres**, é objeto central deste texto. Entende-se que a narrativa de Letícia Wierzchowski partilha de um fenômeno secular de construção de idéias-imagens sobre o Rio Grande do Sul e sobre o povo sul-rio-grandense e que esse processo formativo toma forma nas representações imagéticas que ela constrói sobre os gaúchos, a partir das diferentes personagens do romance.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura do Rio Grande do Sul – Sensibilidade – Identidade Regional – Imaginário – Representação

ABSTRACT: Through the time, we observe the continuous cross between History and Literature paths and, in the last years, the birth of theoretical and methodological studies that try to analyse and discuss this kind of approach. We work particularly in a dialogue with the wide production of Sandra Pesavento about the meeting between this two knowledge fields, in respect to her important contribution to the progress of this discussion. Comprehend – in the sensibility sphere – the production of identities dynamics, in a context understood as a “profound south”, from the analysis of **A casa das sete mulheres**, is the main objective of this paper. We think that Letícia Wierzchowski’s narrative participate in a secular phenomenon of ideas-images construction about the Rio Grande do Sul and about this people. This formative process take shape in the representations that she builds about the *gaúchos*, from the different novel characters.

KEYWORDS: Literature of Rio Grande do Sul – Sensibility – Regional Identity – Imaginary – Representation

* Professor da Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade de Bolonha, professor colaborador da Johns Hopkins University (Bologna Center) e Presidente de AIAR (Associação Internacional AREIA – Áudio-arquivo sobre as migrações entre a Europa e a América Latina). Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com Pós-Doutorado junto ao grupo internacional **Mujeres** – Universidade de Turim. Publicou recentemente: **Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008; **Frontiere: immaginate, immaginarie, reali**. Bologna: Alm@-DL, 2009 e Giuseppe Garibaldi ou o Centauro dos Pampas: o herói que se tornou personagem. **Itinerarios – Revista de Estudios lingüísticos, literarios, históricos y antropológicos**, vol. 9, 2009.

A noção de “profundo” que apresenta o Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa, para além de uma descrição eminentemente física, faz emergir uma dimensão de intensidade, força e enraizamento.¹ A utilização desse adjetivo estaria vinculada, dessa maneira, a qualificar experiências, sensações, emoções, as quais seriam enfatizadas como arraigadas, carregadas, densas, duradouras e até mesmo, em alguns casos, de difícil compreensão. A percepção de um “Sul profundo” resultaria dessa imagem de construção de uma identidade regional visceralmente sinalizadora de uma relação – ao mesmo tempo histórica e imemorial – entre dois mundos: hispânico e português. Localizado em um entre-lugar físico e cultural, sendo marcado pela experiência da fronteira, o Rio Grande do Sul produz um vínculo específico de estranhamento e aproximação que norteia suas trocas simbólicas com o mundo platino e com aquele brasileiro.

Essa construção conceitual, em um direcionamento de olhar que busca discutir as percepções de ressentimento e ufanismo na história sul-riograndense, é analisada por Sandra Pesavento, em um artigo publicado em 2004.² Segundo a historiadora, a perspectiva de um “Sul profundo” está vinculada a todo um conjunto de processos de estereotipagem que envolve os fenômenos identitários, sendo um dos exemplos a concepção de uma *France profonde*. Nesse sentido, o conceito permite vislumbrar uma dinâmica de auto-representação e identificação, assim como a elaboração de uma ideia de pertencimento, marcada por (re)leituras do passado que determinam quem são os “gaúchos”.

O objetivo do presente artigo é discutir justamente a permanência desse enraizamento identitário de um “Sul profundo” que se instaura enquanto representação de uma “gauchidade”, criando um processo de identificação entre um “nós” – os gaúchos – e um “outros” – aqueles que não partilham dessa marca de nascimento. Para tal finalidade, utilizar-se-á como base de referência um romance que – não somente por sua versão escrita, mas, sobretudo por aquela televisiva – constituiu-se em uma espécie de atualização das representações que forjam a identidade regional. A obra em questão é **A casa das sete mulheres**, escrita por Letícia Wierzchowski, publicada, em sua

¹ **DICIONÁRIO ELETRÔNICO Houaiss da língua portuguesa**. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 223-238.

primeira edição, em 2002³ e tendo, em pouquíssimo tempo, se transformado em minissérie televisiva, oferecendo à Rede Globo um alto índice de audiência e ao texto escrito um aumento exponencial de vendas. Atualmente, de acordo com informações constantes na apresentação da sexta edição, encontra-se uma versão do romance em quatro línguas, além da versão portuguesa: espanhol, grego, italiano e servo-montenegrino. No que se refere à adaptação ao meio televisivo, uma rápida pesquisa no *Youtube* permite perceber que – embora a quantidade maior de vídeos seja em língua espanhola – existem versões da minissérie em diferentes idiomas, tendo sido veiculada em quase trinta países.

Tem-se que fazer duas observações com relação às análises que serão propostas sobre a obra e a atualização da identidade regional. A primeira, é que não será objetivo deste artigo discutir a qualidade literária do texto, exaltado por uns e execrado por outros. Como segunda ressalva, destaca-se que o objeto de discussão faz referência às maneiras como determinadas ideias-imagens se fixam e cristalizam no imaginário popular, refletindo-se a partir do gênero literário. Portanto, não se busca julgar a capacidade narrativa do autor em rerepresentar os eventos históricos de um certo período, nem mesmo a sociedade daquele período, mas – pelo contrário – perceber com a narrativa cria um efeito de verdade, tanto a partir da estratégia construída pelo autor-narrador quanto a partir da evocação de fragmentos de memória que o texto permite.

De uma certa forma, o romance histórico – especialmente aquele que mostra uma ressonância⁴ no meio social – constitui-se em um elo entre presente e passado, um espaço de identificação, assumindo o lugar da experiência vivida e dando a conhecer as sensibilidades de um determinado contexto histórico. Trabalhando com evocações sucessivas do real acontecido e narrando uma passeidade que vem ao encontro dos homens do tempo da escritura – tendo em vista que o texto literário se encontra em uma dupla temporalidade, aquela do acontecido e a outra do momento da produção da obra – o romance acaba se inserindo em um entre-lugar, sendo ao mesmo tempo sintoma do real desaparecido e da elaboração de uma sua representação. Revivendo elementos do

³ WIERZCHOWSKI, Letícia. **A casa das sete mulheres**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

⁴ Para José Reginaldo Gonçalves, ancorado em Greenblatt, o conceito de ressonância faz referência à capacidade que um objeto tem de superar a exposição estética, evocando, no espectador, as “forças culturais complexas” que nele são representadas. (GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividades: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.)

passado identitário, o texto literário permite a elaboração de um retrato, o qual se apresenta como uma cristalização de determinadas experiências do passado, mas que – assumindo o espaço da vivência – torna-se mais verossímil do que o objeto representado: “por encerrar todo este mistério, o da vida contendo o morto, do presente revelando o passado e indicando o futuro, o retrato é mais ‘verdadeiro’ que o seu modelo. Ele é a vida, o outro é cadáver”.⁵

Efetivamente, o romance se constitui em uma leitura sensível do real, apresentando como estratégia a fala sobre o acontecido através do simbólico, não fornece dados sobre a concretude dos acontecimentos, mas possibilita perceber as impressões historicamente construídas sobre eles. Nele, podem ser percebidas as maneiras de sentir, representar e criar uma auto-representação, sempre levando em conta o fato de que sua narrativa está relacionada aos homens e à sociedade do momento da escritura, respondendo aos anseios dessa realidade social. Pensando à experiência das musas, entende-se que Calíope também tem revelações para fazer a Clio, ela pode ensinar as sensibilidades de uma outra época, de que maneira os homens narravam imagetivamente a própria realidade: sentimentos, emoções, códigos de conduta partilhados, gestualidades, ações sociais.

Na medida em que o texto literário fala sobre um determinado grupo social – e aquele que se entende analisar se refere à sociedade sul-riograndense – pode-se evidenciar que o mesmo trata de identidades, das maneiras como os diferentes grupos se identificam, em uma relação de pertencimento e de alteridade. Esse processo de identificação é marcado por fragmentos que refletem a experiência histórica do grupo, os quais sofrem uma dinâmica de releitura e de montagem; eventos, datas, personagens, que são percebidos como representantes das qualidades com as quais o grupo se percebe, permitem uma criação imaginária do social, na qual os indivíduos se reconhecem. Em um cruzamento entre experiência e representação, os membros do grupo reconhecem um percurso histórico comum e identificam um pertencimento coletivo que os aproxima e inclui: “Com essa condição, a identidade é aceita. Os

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A temporalidade da perda (leitura de O retrato, de Érico Veríssimo). In: _____ (Org.). **Leituras Cruzadas**: diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 38.

indivíduos se identificam com os elementos provenientes do real e de um passado que pode ser reconhecido como uma herança comum”.⁶

No caso específico da “gauchidade”, tem-se um processo de elaboração identitária, como já foi mencionada anteriormente, que se estrutura em um lugar de transição entre um mundo português e outro espanhol. O Rio Grande do Sul está localizado na fronteira meridional brasileira, constituindo-se em um espaço de trânsito de tropas, de culturas e de línguas, o que acaba marcando seu processo formativo e sua auto-imagem. Baluarte da defesa lusitana e – após a independência – brasileira, a elite da província de São Pedro entende que muito oferece ao poder central e pouco recebe em troca. Aliás, essa questão quer será analisada mais adiante, central para compreender os elementos identitários presentes na obra de Wierzchowski, será o pano de fundo de muitos movimentos regionais ao longo dos séculos XIX e XX, bem como de discursos ufanistas de políticos provenientes do “Sul profundo”.

No trabalho com o romance histórico, o historiador acaba afrontando processos contínuos de produção de memória, na medida em que os eventos passados sofrem constantes e novas leituras e o texto literário se coloca nesse fluxo mnemônico, representando – em um certo sentido – o imaginário coletivo produzido no tempo da escritura, ou no processo formativo que a ele conduziu. No que concerne aos fenômenos de produção de identidades, a memória detém uma grande importância, visto que se apresenta enquanto elemento central em uma dinâmica que articula indivíduo e coletividade no reconhecimento de seus percursos no continuum histórico:

[...] *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.⁷

Está-se diante de suscitadores de memória, na medida em que o texto possibilita um (re)evocar da experiência passada, a partir dos fragmentos de passado que ele contém, conduzindo o leitor a reviver (entendendo como real acontecido) determinadas situações emblemáticas que marcaram a coletividade. Nesse sentido, o romance pode pintar um quadro inerente a uma leitura da realidade passada, o qual cria

⁶ PESAVENTO, Sandra. Modernità ‘primitivista’: dopo gli indiani, i neri. **Confluenze**, Rivista di Studi Iberoamericani. Bolonha, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2009.

⁷ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 204, 1992.

uma relação de “representância”⁸ muito mais eficaz com o público do que o próprio passado que evoca. Busca-se entender esse processo de recepção por parte do público leitor, o qual enxerga como passado pessoal e/ou coletivo os eventos narrados e cristalizados através da literatura.

Pode-se saborear – a partir da construção narrativa – os aromas, os gostos e a sensação de um passado recuperado, os quais adquirem vida na fala de um autor-narrado ou naquela dos personagens que transitam pela trama. Em um contraste com a experiência presente e em uma dinâmica de presentificação do passado coletivo, o leitor acaba por se enxergar nas páginas do romance, degustando, ainda, os fios entrecruzados do decurso da memória individual/coletiva. Na percepção de Primo Levi, esses *mnemagoghi* – modo como o autor chama os “suscitadores de memória” – marcam um processo de apreensão imaginária do passado. Esses fragmentos constituem-se em conectores entre a realidade presente e a experiência passada, sendo produzidos em nossos processos de reelaboração através do tempo.⁹

Entretanto, essa sensibilidade enquanto processo de leitura da realidade e evocação do passado não apresenta apenas a sua faceta individual – apesar de ser particular em cada experiência dos sujeitos, ela se coaduna em interfaces e estruturas comunicantes que a conduzem para uma realidade experiencial socializada:

Sendo, contudo, um processo subjetivo, brotado do íntimo de cada indivíduo, como uma experiência única, a sensibilidade não é, a rigor, intransferível. Sendo a sensibilidade uma *forma de ser e estar no mundo*, ela pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica.¹⁰

A experiência instaura-se através dos sentidos e permanece através da recordação, sendo que esses dois mecanismos que envolvem a compreensão do mundo partilham de uma mesma subjetividade, marcada pela imaginação. A realidade objetiva torna-se existência para os indivíduos na medida em que eles a percebem e essa leitura é envolvida por processos que não contemplam uma verdade mimética, mas mnemônica:

⁸ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo III. São Paulo: Papyrus, 1996.

⁹ Cf. LEVI, Primo. **I racconti**. Storie Naturali, vizio di forma, Lillit Turim: Einaudi, 1996.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra. Sensibilités dans le temps, temps des sensibilités. **Revue Nouveaux Mondes, Mundos Nuevos**. Paris: CERMA/CNRS, n. 4, 2004.

“E, no entanto, não temos nada melhor do que a memória para asseverar que alguma coisa aconteceu, antes que nós produzíssemos a recordação”.¹¹

A trama de **A casa das sete mulheres** constrói-se em torno a um evento histórico que viveu uma dinâmica de criação simbólica e de revalorização ao longo dos séculos XIX e XX: a Revolução Farroupilha. O fenômeno de reelaboração de uma memória da revolta está presente desde o período imediato ao término do conflito, sofrendo – principalmente a partir da segunda metade do Oitocentos – um processo de releitura “positivadora” do evento, até se tornar um marco da identidade regional. As comemorações que envolvem o 20 de setembro, assim como o culto que se cria ao interno do movimento tradicionalista, representam uma leitura contemporânea que mitifica a Revolução, elegendo-a como lugar de memória e emblema identitário dos sul-riograndenses. Os próprios “heróis” farroupilhas – elevados *a posteriori* ao Olimpo regional – terminam por se constituir em figuras emblemáticas, nas quais, a partir da narrativa de seus atos valorosos, a comunidade se enxerga e se enquadra.

Nos momentos de decadência regional, de perdas, como foram as décadas de 1940/50, aquela de 1980 e – próprio do tempo da escritura do romance em questão – a virada do século XX para o XXI, o passado acaba se apresentando como um lugar de refúgio, sobretudo pensando àquele Farroupilha: mais uma vez o estado/o gaúcho se vê assediado pelo “outro”. Em um contraste entre ufanismo e ressentimento, os períodos de retrocesso econômico e/ou social criam uma positividade exagerada do “nós” e uma demonização dos “outros”, os quais são culpabilizados pelos fracassos locais:

Eles, de certa forma, presidem a cristalização de uma atitude – no caso, de um sentimento –, de que houve perdas, desprestígios, isolamentos, exclusões, provocados por terceiros que são vagamente designados como “centro”, “eles”, “os outros”, processo de percepção este que se encontra em violento contraste com a auto-imagem do estado, supervalorizadas e mesmo glamourizadas.¹²

O presente é salvo e justificado pela memória de um passado glorioso, o qual busca compensar, com sua carga de positividade, as perdas do presente. Nesse sentido, o crescimento do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) é um sintoma, pois os grupos tradicionalistas cristalizam e eternizam os fragmentos de uma cultura que se

¹¹ RICOEUR, Paul. **La memoria, la storia, l'oblio**. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003, p. 17.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 225.

encontra em avançado processo de degeneração. Segundo Maria Eunice Maciel, o MTG não deixa de ser um instrumento de atualização do passado, em um processo de recriação de vestígios integrantes de um imaginário regional, a partir de um olhar que se fundamenta na contemporaneidade: instaura-se enquanto um espaço-tempo idealizado¹³. Em uma análise dos momentos de expansão ou de retração do Movimento Tradicionalista, percebe-se que os períodos de perda – seja do *status* econômico do estado seja da tradição e das antigas relações de sociabilidade – são exatamente aqueles de crescimento do Tradicionalismo. Se o passado se constitui em um lugar de refúgio, o CTG será o espaço-tempo desse asilo ou – utilizando uma linguagem “gaudéria” – a querência de uma tradição revisitada e atualizada pelos homens do presente: o homem da cidade acaba evocando miticamente aquele da estância.

Como se afirmou anteriormente, o momento e o evento que circundam o romance de Wierzchowski é a Revolução Farroupilha – o convívio de sete mulheres da família Gonçalves da Silva, na Estância da Barra, durante os acontecimentos que envolveram este conflito entre a elite sul-riograndense e o governo imperial, entre 1835 e 1845. A narrativa de Letícia está fundada em uma memória que foi forjada ao longo dos mais de 150 anos que separam o fim da revolta e o momento da escritura, tratando de um imaginário coletivo positivado, e já “consolidado”, sobre a experiência dos farrapos. De uma certa maneira, o texto é fruto de um processo de glorificação do passado identitário, o qual funda raízes nesse movimento, não abarcando (não se quer dizer que o devia fazer) a complexidade das lutas de memórias que encenaram o pano de fundo dessa recordação ufanista, relativo aos farroupilhas.

Pensando nas questões “objetivas” que nortearam o conflito, pode-se informar que o mesmo estava vinculado a fortes interesses da elite local, tanto sob a perspectiva econômica quando sob aquela política. As questões econômicas estavam relacionadas com a produção do charque, que acaba se constituindo na problemática central para a eclosão do movimento, tendo em vista que a independência da província Cisplatina e a competição com as províncias que compunham o ex-vice-reino do Prata criavam dificuldades para a comercialização da produção dos gaúchos¹⁴. É importante lembrar

¹³ MACIEL, Maria Eunice. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 244.

¹⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

que o charque era mormente utilizado para a alimentação dos escravos e sofria, mesmo internamente, um processo de tributação.

No que se refere ao campo político, a Revolução configura-se como uma das tantas manifestações de dissenso que se observa em âmbito nacional, contra a política centralista do império e – ao mesmo tempo – de um poder central relativizado na figura do regente, visto que se está diante de uma das revoltas regenciais, e, também, como uma consequência das disputas entre liberais e conservadores. A essa questão está associada uma concepção – gestada em décadas de conflitos fronteiriços – de uma percebida falta de reconhecimento, por parte do governo central, dos inúmeros sacrifícios que a província sempre fez pelo Império e de valorização da colaboração oferecida pelos sul-riograndenses nas sucessivas batalhas pela defesa da fronteira meridional. Para Helga Landgraf Piccolo, a revolução pode ser entendida como a legitimação dos interesses da elite regional, o qual se percebia como representante das solicitações do povo.¹⁵

De toda maneira, o período imediato à Revolução, assim como a maior parte do Segundo Reinado, foi marcado por uma inexpressiva produção de textos que narrassem a aventuras dos revoltosos da República do Piratini. Mesmo aqueles que a traziam como argumento de discussão, na maioria das vezes, apresentavam uma percepção de contraposição aos farroupilhas, sendo muitas obras de caráter panfletário. Segundo Álvaro Bischoff e Cíntia Vieira Souto, vai ser a geração republicana, aquela da última década do governo imperial, a iniciar um processo efetivo de releitura positivada da experiência de 1835-1845. As obras de Joaquim Francismo de Assis Brasil (1882) **História da República Riograndense** e de Alcides Lima (1882) **História Popular do Rio Grande do Sul**, ambas encomendadas pelo “Clube Republicano 20 de Setembro”, apresentaram uma versão justificadora da batalha e da separação, bem como enaltecadora da honra dos revoltosos:

[...] procuram justificar as razões da revolta e a incapacidade do poder central de compreender as “justas” reivindicações do Rio Grande, o que teria sido a causa precípua dos eventos que levaram à proclamação republicana.¹⁶

¹⁵ PICCOLO, Helga Landgraf. A paz dos caramurus [em línea]. **Cadernos de História**. 14, Porto Alegre, Memorial do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <www.memorial.rs.gov.br/cadernos/caramurus.pdf>.

¹⁶ BISCHOFF, Álvaro; SOUTO, Cíntia Vieira. Garibaldi: a gênese do mito. In: BARROS FILHO, Omar; SEELIG, Ricardo; BOJUNGA, Sylvia (Orgs.). Os caminhos de Garibaldi na América. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007, p. 134.

Não se pode deixar de mencionar que a década de 1880 também se constitui em importante marco comemorativo – o primeiro – da Revolução Farroupilha, quando se celebrou o cinquentenário de seu início. O jornal **A Federação** – meio de divulgação do Partido Republicano Riograndense –, no ano de 1885, dará destaque a essa valorosa manifestação da força sul-riograndense, criando um processo de identificação entre os heróis farroupilhas e os jovens republicanos: afinal de contas, comemorava-se a República do Piratini.

Dessa forma, o enaltecimento dos feitos dos revolucionários caminhará em *pari passu* com o reforço de uma imagem positiva do gaúcho enquanto tipo humano base da identidade regional do Rio Grande do Sul. O espaço por excelência para a difusão e reprodução identitária, através de conceitos como hombridade, justiça e liberdade – vinculados ao homem do pampa – dar-se-á no Partenon Literário, sociedade criada em 1868. Os escritos retratavam uma espécie de super-homem, invencível, indomável e que estava sempre pronto para lutar até a última gota de sangue pelas causas justas:



Apolinário Porto Alegre, poeta e escritor, celebrou, em sua obra, “esses homens que morrem, não se entregam, que são da liberdade os cavaleiros”, e utilizou a figura do monarca das coxilhas em um conto de mesmo nome.¹⁷

Essa percepção do gaúcho enquanto “monarca” – homem de grande opinião –, segundo Sandra Pesavento, remonta ao romance de José Antônio do Vale Caldre Fião, **O Corsário**, de 1849, tendo sido reelaborado ao longo da segunda metade do século XIX, quando se acrescentou a ideia de “Coxilha” e – com ela – o domínio sobre o espaço-tempo do Pampa. Essa perspectiva ufanista dos cavaleiros do sul está muito presente nos personagens centrais da trama de **A casa das sete mulheres**, como se poderá observar mais adiante, sobretudo no grande chefe e figura emblemática da gauchidade, Bento Gonçalves da Silva. Associado a essa percepção do sul-riograndense, decantada por Caldre Fião e Apolinário Porto Alegre, pode-se acrescentar a famosa expressão cunhada por José de Alencar em **O Gaúcho**, publicada em 1870, **Centauro do Pampa**. A imagem construída por Alencar expressa um resumo dessa criação

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 227.

positiva que está envolvendo a figura do gaúcho; entre o homem e o cavalo instaura-se uma simbiose construtora da representação de um nobre, destemido e livre cavaleiro.

No entanto, de acordo com a leitura de Maria Eunice Maciel, até a década de 1870 o termo “gaúcho” não tinha assumido ainda plenamente uma qualificação positiva, mantendo contato com a imagem do *gaucho* nômade. Foi provavelmente o romance comentado acima – de José de Alencar – que contribuiu mormente para a valorização da figura do gaúcho e de seu uso conceitual como representação de um tipo local observável no sul do país. De uma certa maneira, essa qualificação provém do exterior dessa tradição, tanto em uma leitura nacional, que promove um redirecionamento da visão regional, quanto em uma leitura idílica, produzida por literatos urbanos, que não viviam uma proximidade efetiva com o mundo do Pampa:

O gaúcho era, então, cantado por literatos estabelecidos na cidade, sem maiores relações com o campo e o universo das estâncias, mas que, mesmo assim, influenciaram na visão idílica do pampa e na formação da figura do gaúcho.¹⁸

No século XX se assistirá a consolidação de uma visão positiva sobre o gaúcho e a construção de um movimento de defesa da tradição. Nota-se que a recuperação da tradição – no MTG, o qual foi estruturado a partir de 1948, em Porto Alegre, a partir de um olhar nostálgico de jovens provenientes de pequenas cidades do interior do estado – era uma maneira de sobreviver em uma capital, segundo eles, marcada pela modernidade e pelos estrangeirismos. Buscava-se agrupar – como proposta que permanece até os dias de hoje – aqueles sul-riograndenses que “guardam ainda nas veias o sangue forte da terra riograndense”.¹⁹ Nesse sentido, os espaços periféricos da cidade de Porto Alegre, que ao longo da segunda metade do século XX irão se expandir com as famílias provenientes do interior do estado, sobretudo com aquelas provenientes da metade sul, em busca de melhores condições de vida na cidade, constituir-se-ão lugar de expansão dos CTGs. O galpão e o bolicho tornam-se pacificadores da perda de todo um mundo de sociabilidades e sensibilidades que envolvia a “querência amada”.

Wierzchowski retrata em seu romance essa imagem idílica que se cristaliza na identidade regional, trazendo à luz – em uma leitura marcada pela *mneme* – a figura

¹⁸ MACIEL, Maria Eunice. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 243.

¹⁹ Barbosa Lessa apud Ibid., p. 255.

majestosa do gaúcho e a Revolução Farroupilha enquanto evento mítico primordial do forjamento identitário, tendo em vista que na Estância da Barra as sete mulheres irão esperar “o desfecho da grande revolução”.²⁰ O acontecimento é descrito em uma perspectiva épica, no qual os heróis riograndenses devem combater – capitaneados pelo gigante Bento Gonçalves – contra a tirania do poder central, mesmo com o custo necessário do sangue fraterno:

– Por causa desta guerra, derramaremos o sangue dos nossos irmãos. – A voz de Bento Gonçalves ecoou pelo campo [...] Tinha tanta força que parecia entrar pelos poros de todos ali reunidos. – Que Deus nos perdoe, mas haveremos de lutar contra esses tiranos como se cada um de nós houvesse quatro corpos para defender a pátria e quatro almas para amá-la.²¹

O líder farroupilha, enquanto representação de força e brio, é engrandecido em sua capacidade de condução e em sua majestade; a sua voz forte penetra nos comandados, envolvendo-os naquele espírito de luta pelas coisas da terra. Bento Gonçalves também é apresentado como símbolo de retidão, afinal essa é uma das características do povo do “sul profundo”, e para ele a guerra acaba sendo um mal necessário para o exercício da justiça, para por fim ao reino de tirania e engano que se tinha instaurado no país (uma constante luta contra o centro). O nosso herói não defende apenas a sua província, segundo a narrativa de Letícia, mas por detrás de suas lutas se esconde, também, a defesa do espírito da nação, que se encontra em decadência: afinal, esse é o destino heróico ao qual o Rio Grande não pode nunca se furtar.

No entanto, os feitos de um “super-homem” não podem ser apenas marcados por atos ordinários de bravura e virtude, mas pela exaltação da grandiosidade dos feitos, pois é o processo de “epopeização” que cria a força das personagens. Nesse sentido, o convite do insigne chefe para a grandiosa luta buscava uma notabilização dos feitos guerreiros, os quais deveriam estar impregnados de coragem, abnegação e magnanimidade: não era apenas lutar, mas era entregar-se completamente à causa, superando as limitações humanas.

As motivações que confirmam a justeza da guerra e as afrontas que o Rio Grande vinha sofrendo são destacadas no romance, em uma clara ratificação da ideia da narrativa enquanto uma reprodução da memória construída, especialmente nos espaço

²⁰ WIERZCHOWSKI, Letícia. **A casa das sete mulheres**. 6. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p. 9.

²¹ Ibid., p. 92.

comemorativos da “gauchidade”, sobre o povo do Rio Grande e sobre a grande revolução. A autora coloca na boca de uma das irmãs de Bento – Dona Antônia –, em seu orgulho diante da valentia do “homem” da família, a contestação que leva a província de São Pedro a pegar em armas contra o Estado Nacional:

O irmão começava uma guerra contra o Império, contra a tirania do Império, contra os altos preços do charque e o imposto do sal. Bento começava uma guerra contra um rei, e isso a enchia de aflição e orgulho.²²

No pensamento de Dona Antônia, para além das motivações “objetivas” da guerra – o charque, o imposto do sal – percebe-se aquela virilidade e destemor que carregam a imagem do gaúcho, pois o irmão se lança em uma luta desigual, contra um adversário poderoso. Essa imagem do homem do pampa é confirmada na repreensão que Dona Ana – outra das irmãs de Bento Gonçalves – recebe do marido, tendo em vista o seu temor diante da partida dos filhos para a guerra. Paulo – o esposo – descrito como o protótipo de um verdadeiro gaúcho (altaneiro, mãos firmes e calejadas, voz forte, espadaúdo, compleição robusta), assevera que José e Pedro irão para a guerra, se assim o quiserem, pois têm esse direito, são homens e são gaúchos:

– Já falei com eles. Disseram que vão conosco. – E antevendo o medo nos olhos de Ana, acrescentara com voz decidida: – São homens, são rio-grandenses, serão donos destas terras, têm o direito de ir e de lutar por aquilo em que acreditam.²³

A rigor, a guerra era um elemento do cotidiano dos homens do pampa e as mulheres deviam se habituar a esperar seus pais, irmãos, maridos e filhos; a luta era uma marca de nascença que acompanhava os homens daquela ponta extrema do Brasil meridional. De fato, o gaúcho, seja ele homem ou mulher devia ser um duro, pois as batalhas e a movimentação de tropas eram parte dos movimentos da vida, como nascer, casar, procriar ou morrer. Essa imagem de resistência, de capacidade de suportar os revezes da vida, é reconstruída por Dona Ana, recordando – em contraposição a Rosário, a sobrinha frágil e mocinha cidadina – a vida da mãe, cheia de força, de paciência e de destemor:

Ela recordou sua velha mãe e as muitas madrugadas em que a vira pedalando a máquina de costura para espantar o medo da cama vazia. Nunca a vira chorar, nem na paz nem na guerra, não a vira chorar nem

²² WIERZCHOWSKI, Letícia. **A casa das sete mulheres**. 6. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p. 19.

²³ *Ibid.*, p. 29.

quando enterrara os filhos, um pequeno, o outro moço, ferido de bala numa batalha que nem um nome deixara para lembrança.²⁴

Na verdade, o texto mostra essa duplicidade de forças que compõem o Rio Grande, aquela masculina – vinculada ao ambiente externo, à guerra, às lides com o gado – e aquela feminina, marcada pela paciência/espera, pela condução da casa, pelo vigor. Mesmo as mulheres, através de outras atitudes e reações também são chamadas a viver a valentia do povo do pampa e a fraqueza é um vício que deve ser superado, pois não combina com a grandiosidade do gaúcho. Caetana – esposa de Bento Gonçalves – traz à luz, em uma carta que escreve ao general, essa vulnerabilidade que deve ser superada e a grande figura emblemática na qual se constitui o marido é o modelo e motivo para vencer a fragilidade:

Desculpe essa sua esposa tão fraca, que, de tanto viver esta angústia, já desaprendeu à suportá-la. A espera é um exercício duro e lento, meu querido, que só os fortes logram vencer. Vencê-la-ei, por usted. Nunca ignorei a sua fibra, nem a força dos seus sonhos, e luto para estar eu à altura da sua companhia e da grandeza dos seus atos.²⁵

Para além do real acontecido da revolução farroupilha e da real experiência feminina no Brasil do século XIX, a literatura permite adentrar em um mundo de representações sobre aquele momento histórico, as quais foram sendo sedimentadas ao longo de mais de um século de narrativas sobre “aquilo que de fato aconteceu”. A força feminina na espera, a macheza masculina no trato com o mundo, são sintomas representativos de uma leitura simbólica que se construiu ao longo dos séculos XIX e XX e essa é uma das portas que a Literatura abre à História, a possibilidade de mergulhar nessas leituras sensíveis do passado e nas projeções que o mesmo fazia do próprio futuro. O que **A casa das sete mulheres** dá a conhecer é próprio do mundo literário – criar uma ambiência e fornecer emblemas e sinais – e está vinculado a uma capacidade de problematizar e de revelar o simbólico e o representado pela via dos fatos criados pela narrativa ficcional:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O

²⁴ WIERZCHOWSKI, Leticia. **A casa das sete mulheres**. 6. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p. 33.

²⁵ Ibid., p. 36.

texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.²⁶

A associação entre o homem e a guerra – a virilidade e a luta – é uma constante em todo o texto, a Revolução Farroupilha acaba se constituindo em um dever de combate, próprio das gentes do sul do país. As necessidades da guerra fazem parte das brincadeiras infantis, pois o pequeno adulto deve estimular-se para viver a problemática futura que o espera e, nesse sentido, lembra-se o relato de Caetana, a Bento, sobre o cotidiano dos filhos, no qual informa que Leão, um dos filhos pequenos do casal, não só percebe no pai um modelo de homem forte – guerreiro – mas, também, já inicia seu processo auto-formativo para ser um sul-rio-grandense:

Leão já perguntou muitas vezes do seu paradeiro, queria ele estar com usted, lutar ao seu lado. É um menino que já nasceu com o gosto pelas batalhas, anda sempre com a espada que usted talhou para ele enfiada na cinta da calçola.²⁷

Viver a luta é inerente ao homem do pampa, ao menos no imaginário que sobre ele se construiu e que marca as representações de seu caráter em finais do século XX, constitui-se em um direito/dever, em uma questão de honra. A resposta do pai, diante da decepção de Rosário, irmã de Manuela e Mariana, quando teve que postergar sua tão sonhada viagem à Europa, é emblemática para que se possa entender essa marca das batalhas na vida regional:

O pai lhe havia dito que deviam esperar, que agora coisas mais urgentes sucediam, negócios sérios, de guerra talvez, e que suas obrigações de rio-grandenses, de gaúcho dos pampas, de estancieiro e homem de palavra impeliam-no a ficar e a lutar.²⁸

Se a ordem de estruturação discursiva, com o elenco das motivações, não é um elemento aleatório, mas uma estratégia de conceder relevância à classificação, as obrigações do pai de Rosário estão atreladas, principalmente, ao fato de ele ser um homem do Rio Grande e isso o impele sobremaneira à guerra e a essa guerra em particular. Mas a imobilização do cotidiano, pelas diferentes lutas, também transita por todo o romance de Letícia Wierzchowski e as personagens – como Rosário – marcadas por gostos urbano-burgueses, preocupadas com a moda, com os bailes, com as viagens,

²⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Paris, Debates, 2006, p. 8. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em: 01 de setembro de 2009.

²⁷ WIERZCHOWSKI, Letícia. **A casa das sete mulheres**. 6. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p. 36.

²⁸ *Ibid.*, p. 49.

são um reforço – enquanto emblema negativo e indivíduo digno de pena, visto a sua fragilidade para o mundo do pampa – na caracterização da atitude de força, brio, despojamento e resistência da comunidade sul-rio-grandense.

A proposição desse diálogo, entre História e Literatura, na busca de compreender algumas marcas do “sul profundo”, algumas idéias-imagens que sobre ele foram sendo produzidas e que encontram um lugar privilegiado no mundo literário, também é um “bate-papo” com a produção intelectual de uma das mais brilhantes historiadoras brasileiras – Sandra Jatahy Pesavento – que produziu, em nível nacional e internacional, material teórico-analítico fundante para este tipo de leitura das sensibilidades do passado. Há mais de uma década Sandra vem trabalhando com essa temática e participou ativamente na estruturação de grupos internacionais de discussão – como Clíope – que procuram dar corpo a uma interpretação da passeidade que utiliza a literatura como indício/rastro privilegiado para a sua abordagem.

Esse diálogo com a Sandra iniciou ainda no início da década de 1990, quando fui seu aluno de graduação e ela – voltando de seu primeiro pós-doutorado na França – já começava a dar uma guinada radical em seus objetos de pesquisa e no seu corpus teórico. Poder-se-ia dizer que a literatura fazia parte não apenas dos estudos da Sandra, mas da própria vida dela, com os diferentes “causos” e com as peripécias familiares, como a trajetória da grande *nonna* Colomba. O nosso diálogo continuou no mestrado e no doutorado, sempre aprofundando tanto laços profissionais quanto afetivos; e recordo essa característica da Sandra de criar um elo afetivo forte com os orientandos: em todas as defesas, como o protocolo não permitia ao orientador falar sobre a Tese ou sobre a Dissertação, ela dizia que se permitia falar sobre o orientando. Sempre acertava as facetas mais marcantes e – muitas vezes – escondidas de cada um: como uma verdadeira madrinha, apresentava de maneira grandiloquente o afilhado/orientando.

Muito vai ser falado neste número sobre as diferentes qualidades pessoais e profissionais de Sandra Pesavento. De minha parte, gostaria de destacar duas que sempre me chamaram a atenção nela e que faziam crescer minha admiração por ela: ironia e sagacidade. A primeira era uma característica fortíssima, ela sempre conseguia fazer o comentário certo, divertido e jocoso ao mesmo tempo (talvez seja a sua raiz toscana, pois o povo dessa região é famoso por suas *battute*). A segunda, também uma sua qualidade encantadora, refletia aquela sua capacidade de articular idéias em uma fração de segundos e de discutir sobre qualquer assunto, em qualquer situação e lugar.

Ao fim e ao cabo, pode-se dizer que – mesmo sendo muito cosmopolita – Sandra sempre foi uma mulher do “sul profundo”, encarnou muitas das características identiárias gaúchas – como a força nos momentos de luta, a bravura e o destemor, a energia – e sempre teve orgulho dessas suas características sul-rio-grandenses. Por isso, para mim, falar do “sul profundo”, e analisar as produções de idéias-imagens sobre esse tempo-espaço do sul, em um diálogo com a obra de Sandra, também – de certa maneira – é falar sobre ela.

Por fim, tentando juntar todos os fios da tessitura que se procurou construir, reforça-se a concepção de que a obra de Letícia Wierzchowski – elaborando um retrato do gaúcho que é marcado pela resistência, nobreza, valentia – acaba se tornando um lugar de encontro do processo de elaboração identitária regional, o qual foi produzindo positivamente ao longo dos séculos XIX e XX. Embora não haja uma vinculação direta com o tradicionalismo, de certa forma, o romance termina por ser animado pelo mesmo espírito celebrativo que norteia o MTG. Lutando pelas causas justas e vivendo com serenidade as piores agruras da vida, o “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas” continuam sendo os grandes emblemas que criam uma comunidade de sentidos com os sul-rio-grandenses e – talvez por isso – se possa explicar o sucesso de público: a obra produziu um importante processo de ressonância.